

THOMPSON, Edward Palmer. Costumes em Comum: estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. 528 pág.

Hamanda Machado de Meneses Fontenele¹

Recebido em: 03.06.2018

Aceito em: 05.07.2018

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.1312312>

36

A obra intitulada “*Costumes em comum: estudo sobre cultura popular tradicional*”, publicada no Brasil em 1998, foi escrita pelo historiador britânico Edward Palmer Thompson (1924-1993), considerado um dos maiores historiadores da concepção teórica marxista do século XX. Organizada em oito capítulos, a obra tem como objetivo analisar hábitos dos setores populares britânicos, em especial, a economia moral desses setores baseados nos costumes tradicionais da sociedade em paralelo ao avanço social tipicamente capitalista, através do diálogo com a antropologia, o direito e a economia. A obra se adequa a vertente de História Social Inglesa uma vez que Thompson toma como protagonista da investigação historiográfica os sujeitos que correspondem as camadas populares (trabalhadores, artesãos e camponeses). Para Thompson, a história deve ser narrada para além dos “grandes fatos” da história oficial e seus heróis, mas, especialmente pela observação dos fatos ocorridos com pessoas que fazem parte do coletivo negligenciado, entre eles: os operários, os camponeses, os artesãos, etc. Assim, ao tornarem-se protagonistas da narrativa, enquanto sujeitos históricos dotados de singularidades, motivações pessoais, autonomia, racionalismo e outras características que se agregam ao homem social, o historiador aponta as ações dos sujeitos motivadas primariamente por seus costumes de ordem moral, consuetudinárias e resistências que se chocam com as inovações impostas pela “cultura de cima”.

Desse modo, Thompson apresenta a cultura para além do marxismo ortodoxo que se explica pela relação base/estrutura. O autor apresenta a cultura como um corpo dinâmico que está em constante construção pela relação entre os demais fatores sociais, como a própria economia, conceituando como “cultura popular” o comportamento manifestado com base nos costumes herdados por gerações, percebidos por Thompson através das ações judiciais que nas entrelinhas narram o cotidiano dos trabalhadores. Assim, o historiador propõe em sua obra compreender o passado à luz de sua própria experiência ou da “consciência social”. Sobre o aspec-

¹ Graduanda da curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Pesquisa Científica (PIBIC/UESPI 2016-17). Email: hamandafontenele@gmail.com

to investigativo empregado por Thompson, o historiador Peter Burke² nos fala que o historiador britânico não se limitou apenas a identificar o problema geral da reconstrução da experiência de um grupo de pessoas “comuns”, mas a perceber a necessidade de compreensão à luz da experiência e das reações ao experienciado. Para tanto, o historiador reconstrói fatos como a resistência ao uso comunal das terras no processo de cercamentos, a venda da esposa em leilão como estratégia de divórcio, as novas noções de tempo que partem da implantação do capitalismo e as sátiras como métodos disciplinador de quem fugia dos padrões morais no qual eram contemporâneos. .

De início, Thompson analisa o espaço entre o *gentry* e demais trabalhadores pobres no capítulo “patricios e plebeus”. O autor considera tecer uma crítica a partir dos termos paternalismo e patriarcalismo, inclinando-se prioritariamente a discutir sobre o não passivismo dos trabalhadores em relação as imposições do *gentry*, havendo nesse espaço um campo de disputas que existiam em decorrência da aplicação de novas legislações e tentativas de modernização contrárias aos costumes da plebe, implicando assim, na busca de uma disciplina social através, principalmente da alfabetização, que seria fundamental para quebra da cultura transmitida oralmente.

No capítulo seguinte, intitulado “Costume, Lei e Direito comum”, Thompson discute sobre o confronto entre pobres e ricos em torno da disputa por direitos. O confronto dar-se entre relações burocráticas e relações culturais aplicando-se no contexto da política de cercamentos na Inglaterra, no qual, pelo direito consuetudinário e tradicionalismo dos costumes, a plebe não poderia cercar as áreas comunais destinadas ao pasto do gado pertencente a população pobre. Segundo Thompson, ao tirarem as terras comunais dos pobres, os cercamentos os transformaram em estranhos em sua própria terra. Assim sendo, os sujeitos são forçados a construir um novo costume, uma nova forma de resistência em cima de sua nova configuração.

Já nos capítulos, intitulados “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII” e “a economia moral revisada”, Thompson explica inicialmente os “motins de fome” na Inglaterra do século XVIII através da ampliação do conceito de “homem econômico” para a economia moral, que consiste na “conduta não econômica baseada nos costumes que estão em conflito consciente e ativo, como que numa resistência aos novos padrões de consumo (“necessidade”), às inovações técnicas ou a racionalização do trabalho que ameaça desintegrar os costumes”³. Conforme nos é explicado, os motins de fome ocorriam nos tempos de escassez de alimentos em decorrência do mal procedimento dos comerciantes, desviando-se do senso comum acerca da conduta dos comerciantes frente às atividades comerciais.

As ações realizadas pelos trabalhadores pobres são vinculadas na narrativa ao modelo paternalista, instaurado por elementos como o costume, o direito consuetudinário e a lei estatudinária cuja apoderamento estava vinculada as tradições da sociedade inglesa. Todavia, Thompson ainda destaca que a resistência ao novo padrão se dar quando representa ameaça aos pobres, mas quando os favorecia, o novo

² BURKE, Peter. *A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989* / Peter Burke; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991

³ THOMPSON, 1998, p.21.

padrão poderia ser aceito em determinada proporção. Ao se referir a economia moral, Thompson ainda tece uma crítica acerca da resistência de inserção dos pobres enquanto sujeitos históricos na construção historiográfica. Ele nos diz que estes sujeitos se inserem no cenário histórico quando são submetidos a perturbação social, movimentando-se em busca da manutenção das suas práticas.

No capítulo seguinte, intitulado “Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial”, Thompson inicia uma discussão sobre a percepção e medição do tempo. Nesse sentido, o tempo é concebido como um regulador produtivo. Ao final do século XVIII o relógio é concebido como um sistema de disciplina e controle dos trabalhadores fabris, tendo em vista que o tempo é concebido como sinônimo de dinheiro. Segundo Thompson⁴, no sistema de trabalho do final do século XVIII, “o que predomina não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido ao dinheiro. O tempo é agora moeda: ninguém passa o tempo, e sim o gasta”.

No capítulo sete, intitulado “A venda das noivas”, Thompson discute sabidamente a prática bárbara de venda das esposas na Inglaterra que permanecia, ainda que rara, no século XVIII. O historiador destaca que frente a uma sociedade de moral cristã, fechava-se os olhos a prática de venda das esposas, fato considerado intrínseco a cultura pagã. Thompson argumenta que tanto nas pesquisas literárias quanto nas pesquisas hemerográficas de 1760 a 1880, percebe-se a venda das mulheres como meio para obtenção de dinheiro ou meio para livrar-se da esposa, porém, o historiador nos adverte que o objetivo da prática consistia na prática cultural do “divórcio popular britânico”, isto pois os aspectos entre os casos se assemelham, dentre eles, destaca-se o consentimento entre as partes e a venda ocorria por uma troca quase sempre insignificante, seja monetária ou material, dentre outros fatores. O costume só findou quando foi desaprovado dentro da própria cultura popular, em função principalmente das fontes evangélicas, racionalistas, radicais e sindicais.

No capítulo oito, intitulado “Rough Music”, Thompson encerra sua obra. Neste último capítulo, o autor aponta a rough music como uma prática cultural que tem por fim a desmoralização pública dos contraventores da ética camponesa frente a cultura patriarcal e portanto, conservadora. Para que ocorresse tal difamação usava-se canções de cunho satírico pelos espaços públicos, dirigidos especialmente aos agressores de mulheres, adúlteros, fofoqueiros e etc. Essa prática rebusca as cantigas de maldizer e de escárnio típicas do trovadorismo medieval, configurando-se assim, como continuidade histórica na Inglaterra. Portanto, a Rough music “indica modos de autocontrole social e o disciplinamento de certo tipos de violência e ofensas antissociais (insultos às mulheres, abuso infantil, espancamento das esposas) que nas cidades de hoje pode estar diminuindo”.⁵

Sob a análise de Thompson e do termo “experiência” pensada pelo mesmo, o desenvolvimento econômico está relacionado a mudança cultural e pleno desenvolvimento da consciência social, assim sendo, não pode ser planejado pois ocorre espontaneamente. Desse modo, debruçar-se sobre “*Costumes em comum*” significa abrir portas para interpretações que visam primariamente os sujeitos invisibilizados, rompendo o mito da inércia populacional ao fundamentar a participação popular dos sujeitos em busca de sobrevivência e manutenção dos seus costumes. Assim,

⁴ Ibid., p. 77.

⁵ Ibid., p. 396-397.

Thompson contribuiu para a historiografia rompendo com a ortodoxia marxista, construindo um novo conceito de classe que movimenta-se num processo contínuo de “fazer-se” derivado do processo cultural a qual se encontram. Ademais, Thompson proporcionou à ciência histórica a vinculação com outras ciências, em especial a antropologia, o que desencadeia uma série de críticas dos historiadores mais conservadores, todavia, foi o revisionismo historiográfico vinculado a História Social Inglesa pensada por Thompson que inaugurou uma nova percepção dos fatos, deu voz aos sujeitos, e conseqüentemente fez de si um dos maiores historiadores do século XX.